

**Da fala à leitura: variação linguística na leitura em voz alta de estudantes da
Universidade Federal de Sergipe**

**From speech to reading: linguistic variation in oral reading by students from the
Federal University of Sergipe**

Victor Rene Andrade Souza¹

Universidade Federal de Sergipe

Vitória Laís Santos Silva²

Universidade Federal de Sergipe

Mauro Monteiro de Araujo Júnior³

Universidade Federal de Sergipe

Resumo: Estudos sociolinguísticos que investigam a interface entre leitura em voz alta, variação linguística e compreensão leitora apontam que a transposição de traços linguísticos variáveis da fala para a leitura em voz alta de estudantes da educação básica pode sinalizar automaticidade na decodificação e proficiência leitora. A fim de testar essa hipótese na leitura em voz alta de estudantes de nível universitário, este estudo investiga se traços variáveis da fala são transpostos para a leitura em voz alta, considerando a interferência do grau de apreciação social dos traços e a ocorrência de correções, repetições, truncamentos e pausas na leitura. O *corpus* da investigação é formado por 10 entrevistas sociolinguísticas e 50 leituras em voz alta de estudantes da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Na fala e na leitura, foram investigados os fenômenos fonológicos do apagamento do fonema /d/ no segmento /Ndo/; desnasalização de ditongo nasal átono final; monotongação de ditongo decrescente; apagamento de /R/ em coda final de palavra; e apagamento de /S/ em coda final de palavra. Na leitura em voz alta, foi analisada a produção de construções morfossintáticas como o uso do tempo verbal futuro do pretérito na terceira pessoa do singular e na primeira pessoa do plural; e colocação pronominal proclítica. Os resultados apontam que fenômenos variáveis da fala passam para a leitura em função do grau de apreciação social dos traços e fenômenos variáveis menos marcados/salientes são mais recorrentes na leitura em voz alta, fornecendo pistas do nível de automaticidade na decodificação e proficiência leitora. **Palavras-chave:** Leitura em voz alta. Variação linguística. Estudantes universitários.

Abstract: Sociolinguistic studies that investigate the interface between oral reading, linguistic variation and reading comprehension point out that the transposition of variable linguistic features of speech to oral reading by students in basic education can signal automaticity on decoding and reader proficiency. In order to test this hypothesis in oral reading of college students, this study investigates whether variable speech traits are transposed to oral reading considering the interference of the degree of social appreciation of the traits and the occurrence of corrections, repetitions, truncations and pauses in reading. The research corpus consists of 10 sociolinguistic interviews and 50 oral readings by students from the Federal University of Sergipe (UFS). In speech and reading, were investigated the phonological phenomena of the deletion of the

¹ E-mail: victor.andrade573@gmail.com

² E-mail: viih.silva@icloud.com

³ E-mail: mjk.mauro@gmail.com

phoneme /d/ in the segment /Ndo/; desnasalization of final unaccented diphthong; decreasing diphthong monotongation; deletion of /R/ in final word coda; and deletion of /S/ in final word coda. In oral reading, the production of morphosyntactic constructions was analyzed such as the use of verbal tense in the conditional tense in the third person singular and in the first person plural; and proclitic pronominal placement. The results indicate that the variable speech phenomena pass to reading according to the degree of social appreciation of the features and less marked/prominent phenomena are more frequent in oral reading, providing clues to the level of automaticity in decoding and reading proficiency.

Keywords: Oral reading. Linguistic variation. College Students.

Submetido em 31/01/2020.

Aprovado em 30/03/2020.

Introdução

Ler, numa perspectiva cognitiva, significa “processar informações: transformar escrita em fala, ou escrita em significado. Qualquer pessoa que tenha aprendido a ler terá adquirido um sistema mental de processamento de informações capaz de realizar essas transformações” (COLTHEART, 2013, p. 24). A leitura em voz alta, especificamente, envolve dois processos: decodificação, que diz respeito à transposição de signos escritos para dados orais; e compreensão, processo decorrente do anterior, que se refere à atribuição de sentidos às informações decodificadas. Relacionados a esses processos, a leitura mobiliza ainda outros conhecimentos e capacidades, concernentes à estrutura da língua, como o léxico, a morfologia, a sintaxe e a semântica; e a processos mentais, como a capacidade de raciocínio, atenção, memória de trabalho e memória de longo prazo, capacidades de análise e síntese (FREITAG; SÁ, 2019).

Da palavra escrita à leitura em voz alta há duas rotas, as rotas de leitura, que são processos utilizados pelo leitor no reconhecimento da palavra escrita (COLTHEART, 2013). A rota fonológica diz respeito ao uso do conhecimento das regras que relacionam segmentos da ortografia com segmentos da fonologia (conversão grafema-fonema). Já a rota lexical refere-se ao entendimento da palavra como um todo, permitindo acesso a um dicionário mental, no qual estão armazenados o significado e as informações fonológicas das palavras. O leitor que faz uso da rota lexical já alcançou o nível hábil da leitura, pois atua de modo inconsciente e automático as representações ortográficas, fonológicas e os significados das palavras armazenadas no seu léxico mental (FREITAG; SÁ, 2019, p. 45).

Estudos sociolinguísticos que investigaram a interface entre leitura em voz alta, variação linguística e compreensão leitora em estudantes da educação básica apontam que a transposição de traços variáveis da fala para a leitura em voz alta pode sinalizar automaticidade na decodificação e proficiência leitora (HORA; AQUINO, 2012; MACHADO, 2018; SÁ, 2019; FREITAG; SÁ, 2019), e não imprecisão, como estudos anteriores chegaram a afirmar. A hipótese sustentada é a de que o leitor reconhece o item escrito através do acesso à rota lexical (COLTHEART, 2013) e o produz oralmente conforme seu repertório sociolinguístico. A relação entre variação linguística na leitura em voz alta e o sucesso em compreensão leitora tem sido atestada por estudos que cruzam dados de leitura oral com resultados de testes de compreensão leitora em estudantes da educação básica (SÁ, 2019; FREITAG; SÁ, 2019). Esses estudos revelam que leitores que transpõem traços linguísticos variáveis da fala para a leitura em voz alta são os que obtêm maior sucesso no teste de compreensão leitora.

Entretanto, ainda não há registros de estudos sobre a relação entre variação linguística na leitura em voz alta e automaticidade na decodificação e proficiência leitora em estudantes universitários – onde espera-se encontrar leitores proficientes e hábeis. A hipótese é de que traços linguísticos graduais, presentes na fala de praticamente todos os falantes, são transpostos em maior grau para a leitura em voz alta de universitários, o que pode sinalizar proficiência em leitura; por outro lado, fenômenos mais marcados, ao ocorrerem na leitura, sinalizam falta de proficiência leitora ou pouco contato com a modalidade formal da língua. Por isso, a investigação na fala e na leitura de universitários pode nos dar pistas de como se dá esse processamento.

Este artigo foi desenvolvido no escopo do projeto *Como fala, lê e escreve o universitário?*, que se configura como uma ação de documentação, descrição e formação linguística, a partir de uma pedagogia culturalmente sensível, envolvendo a documentação e a descrição linguística da fala, leitura e escrita de universitários para a subsidiar a elaboração de material didático para cursos de letramento acadêmico na Universidade Federal de Sergipe.⁴

⁴ Esta investigação está vinculada ao projeto *Como fala, lê e escreve o universitário?* e resulta da execução dos seguintes planos de trabalho “Processos morfofonêmicos na fala e na leitura de universitários”, “Processos morfossintáticos na fala e na escrita do universitário” e “Taxas de produtividade na fala, na leitura e na escrita de universitários”, financiados com bolsa INTEGRAUFS 2019 (COPES/POSGRAP/UFS), sob orientação da Prof^a Dr^a Raquel Meister Ko. Freitag.

No corpo deste texto, apresenta-se inicialmente uma breve revisão de literatura acerca dos traços variáveis estudados, bem como sobre a relação entre leitura em voz alta, compreensão leitora e variação linguística. Em seguida, a metodologia adotada na realização do estudo é descrita e, por fim, são discutidos os resultados relativos aos dados coletados, seguidos de breves conclusões.

1 Caracterização dos fenômenos analisados

1.1 Monotongação

O processo fonético-fonológico de monotongação consiste no apagamento da semivogal do ditongo. No português brasileiro, este fenômeno pode advir da redução de ditongos crescentes (*ciência* ~ *ciênça*, *polícia* ~ *políça*) e da redução de ditongos decrescentes (*peixe* ~ *pexe*, *ouro* ~ *oro* e *caixa* ~ *caxa*). No escopo deste estudo, contudo, focaliza-se apenas a monotongação de ditongos decrescentes. Esse processo pode ocorrer com o apagamento do glide palatal [j], como em *caixa* ~ *caxa*, ou do velar [w], como na alternância *cenoura* ~ *cenora*. No português brasileiro, este fenômeno apresenta condicionamentos distintos a depender da natureza do glide e do contexto fonológico seguinte: o apagamento do glide velar tende a ser uma regra categórica em situações informais, em todos os contextos linguísticos, inclusive em contexto de monitoramento (CRISTOFOLINI, 2011; TOLEDO, 2013; SIMIONI; RODRIGUES, 2014; ARAUJO; BORGES, 2019). O glide palatal apresenta restrições de natureza interna, decorrente do contexto fonológico seguinte: é regra semicategórica, independentemente da formalidade, para contextos em que a sílaba seguinte apresenta o traço palatal, como em *caixa*, *beijo*, e é restringido por contextos em que a sílaba seguinte é iniciada por oclusiva, como em *leito*, *caibo*. O comportamento é estável em todas as regiões, sem sensibilidade social ou dialetal. Na tipologia de apreciação social, a variante é considerada um indicador.

Cristofolini (2011) investigou a monotongação do ditongo decrescente /ow/ na fala de informantes da cidade de Florianópolis numa perspectiva sociolinguística e acústica – no corpo deste texto serão reportados apenas os resultados relativos à análise sociolinguística. A frequência geral das variantes apresentou um uso categórico da forma monotongada, com um percentual de 93%, reforçando a tese de que o fenômeno se comporta como mudança em estágio avançado. Na condição de fatores condicionantes, a

autora observou uma ausência de interferência de variáveis sociais, a forma monotongada apresentou um comportamento estável socialmente. Quanto aos condicionantes estruturais, os resultados sinalizaram interferência da tonicidade da sílaba, sendo a variante monotongada favorecida em sílabas tônicas.

Toledo (2013) analisou a monotongação de /ej/ na fala de 14 informantes da cidade de Porto Alegre, em períodos temporais distintos, separados por um intervalo de 30 anos. Como resultado, o autor identificou o traço como um fenômeno estável de variação, mantendo frequências semelhantes nos dois períodos observados (39% e 35%).

Em Sergipe, Araujo e Borges (2018) investigaram as atitudes e as crenças linguísticas de 60 estudantes da Universidade Federal de Sergipe, *campus* Prof. Alberto Carvalho, localizado no município Itabaiana/SE, em relação à redução de ditongos crescentes e decrescentes. Como método, as pesquisadoras recorreram à aplicação de um questionário de atitudes linguísticas, que envolveu questões relativas a três dimensões (emprego do fenômeno, aspectos estéticos/de adequação e aspectos sociais). A partir dos resultados, as estudosas observaram que a percepção em relação ao emprego das formas monotongadas é distinta entre falantes da comunidade no que tange às formas provenientes de ditongos crescentes e decrescentes. Segundo os dados, os falantes alegaram que não utilizam a forma referente à redução de ditongo crescente (97%), associando-a a pessoas de maior idade da comunidade; já as variantes relativas aos monotongos de ditongos decrescentes obtiveram maior prestígio na comunidade, haja vista que os falantes a reconheceram enquanto um traço que realizam (78%) e que pertence à comunidade da qual fazem parte. Em relação à dimensão estética/de adequação, os estudantes relacionaram a forma monotongada do ditongo crescente a classificações como “errada” (47%), “estranha” (27%), “normal” (23%) e “cultural” (3%), revelando avaliação negativa em relação à variante. Além disso, os excertos evidenciaram que os estudantes associam a utilização de uma ou outra variante à noção de (in)formalidade. Quanto à monotongação de ditongos decrescentes, observou-se uma avaliação mais positiva, 82% julgaram a forma como “normal”, 8% como “correta” e 3% como “bonita” e “prática”; cabe destacar, contudo, que 7% dos falantes avaliaram a forma como “errada”. As atitudes dos falantes quanto a aspectos sociais (escolaridade e preconceito) quanto aos monotongos derivados de ditongos crescentes têm relação com o nível de escolaridade do falante, com um percentual de 83%; diferentemente, os

monotongos derivados de ditongos decrescentes foram menos relacionados a esta condição social (38%). No que diz respeito ao preconceito, as respostas foram inversas em relação aos monotongos crescentes e decrescentes: 79% dos participantes afirmaram que falantes que utilizam a variante resultante da monotongação de ditongo crescente sofrem preconceito e 78% afirmaram que os falantes de monotongos decrescentes não sofrem preconceito.

A monotongação foi estudada também na leitura em voz alta (HORA; AQUINO, 2012; MACHADO, 2018), apontando que processos fonológicos menos estigmatizados e já consolidados na fala espontânea, como a monotongação do ditongo /ow/, são mais recorrentes na leitura oral de leitores hábeis e que traços sociolinguísticos pouco marcados e de uso gradual na fala espontânea viabilizam o acesso à rota lexical, sendo produzidos de acordo com o repertório sociolinguístico do leitor.

1.2 Desnasalização de ditongo nasal átono final

O processo de desnasalização de ditongo nasal átono final consiste no apagamento do segmento nasal em nomes (*viagem ~ viagem*) e em verbos na terceira pessoa do plural (*passaram ~ passaru*). Nos verbos, o apagamento interfere em relações morfossintáticas, e ocorre de modo estável em todo o português brasileiro, com comportamento relativamente sensível ao contexto de monitoramento estilístico. Já nos nomes, a variante desnasalizada está associada a aspectos sociais relativos à escolarização e ruralidade, além de ser relativamente sensível ao contexto de monitoramento estilístico (GOMES; MESQUITA; FAGUNDES, 2013; GOMES, 2017). Na tipologia de apreciação social, é considerada um marcador.

Silva (2018) investigou o efeito da escolarização no processo de desnasalização de ditongos nasais átonos finais na fala de 24 informantes do estado do Rio de Janeiro. A frequência geral da redução do ditongo nasal mostrou-se pouco produtiva na fala da comunidade estudada, apresentando um percentual de 17%; o que, segundo o autor, sinaliza que o fenômeno é pouco difundido na comunidade e se comporta como estável. Falantes de ensino fundamental tendem mais à redução do ditongo nasal do que falantes do ensino superior, que barram a redução. Como fator linguístico, vocábulos mais extensos (trissílabos e polissílabos) favoreceram a redução.

Gomes, Mesquita e Fagundes (2013) investigaram a redução do ditongo nasal átono final na fala de 12 falantes da cidade do Rio de Janeiro. A redução do ditongo apresentou um percentual de 43%. Com relação às variáveis sociais, os resultados apontam que a redução é favorecida por falantes de baixa escolaridade, e a faixa etária reforça a tese de que o fenômeno é um traço estável no português. E quanto mais distante da sílaba tônica seguinte, maior favorecimento à redução do ditongo nasal. O efeito aleatório do item lexical aponta tendências de redução do ditongo nasal em itens específicos, carecendo, contudo, de verificação em amostras maiores.

Gomes (2017) investigou a variação entre ditongo nasal átono final e vogal oral (*homem ~ homi*) em relação ao estilo de fala. O procedimento consistiu em três tarefas, leitura oral de textos, reconto do material lido e leitura de lista de palavras, que seguem três níveis de monitoramento, distribuídos a seguir do menor grau ao maior: reconto > leitura oral > lista de palavras. Os testes foram aplicados a 36 falantes de nível médio da comunidade de fala de Nova Iguaçu/RJ. Em um total de 1366 dados, 133 ocorrências correspondem à vogal oral (8% do total). Os resultados apontam para o efeito da estratificação estilística em relação à variação sob análise: há maior ocorrência da variante vogal oral em situação de reconto; em seguida tem-se a leitura de texto; e leitura de lista de palavras. O resultado sugere que a realização oral está associada a situações que envolvem menor formalidade, tensão comunicativa, sendo evitada em situações de maior formalidade.

1.3 Apagamento do rótico em coda final de palavra

O apagamento do rótico em coda final de palavra ocorre quando o falante não pronuncia o som consonantal /R/. O apagamento pode ocorrer em verbos no infinitivo (*falar ~ falá, comer ~ comê, dormir ~ dormi*) e em nomes (*mulher ~ mulhé*). Investigações de abordagem sociolinguística mostram que a ocorrência do cancelamento do /R/ em coda final de palavra é mais recorrente em verbos do que em nomes; isso explica-se pela condição morfológica do verbo, favorável a esse fenômeno (CALLOU; SERRA; CUNHA, 2015). O cancelamento do /R/ ocorre indistintamente quanto às regiões ou perfis sociais, sugerindo uma avaliação social positiva, sendo categorizado como indicador num quadro de mudança em progresso (MONARETTO, 2002).

Callou, Serra e Cunha (2015), ao investigar o traço na fala de jovens e idosos de nove capitais da região nordeste do Brasil, constataram um percentual de 94% de apagamento do /R/ em verbos e 72% em não verbos. Esses resultados, segundo as autoras, atestam o estatuto de mudança em curso da variante inovadora no português brasileiro.

Mollica e Fernandez (2003) analisaram o uso variável da vibrante pós-vocálica em posição final de vocábulo no Rio de Janeiro e constataram que o cancelamento da vibrante transpõe indicadores sociais, pois os resultados confirmaram que, no que se refere à variável gênero masculino/feminino, há uma presença uniforme do cancelamento do /R/ pós-vocálico em posição final de palavra; por meio da variável idade, observa-se que a variação se faz presente em qualquer faixa etária; e em relação à variável escolaridade, notou-se que não há interferência do nível de escolarização dos falantes na realização do fenômeno. Os resultados referentes à configuração morfológica mostram que os dados de formas infinitivas e de futuro do subjuntivo exibem maior frequência de ausência do /R/, expandindo-se posteriormente para os nomes (substantivos e adjetivos). Os resultados da variável tonicidade indicam que a vibrante em sílaba tônica tende à queda, enquanto, em sílaba átona, tende à preservação; e os resultados da variável ambiente precedente indicam que os segmentos "o" e "u" refreiam o cancelamento da vibrante. As autoras estabeleceram um paralelo entre os ambientes precedentes "a", "e" e "i" e as terminações das conjugações verbais e notaram que esses são em maior escala afetadas pela simplificação, logo seriam os ambientes de maior incidência.

Oushiro e Mendes (2014) contrastam o encaixamento linguístico e social do apagamento variável de /R/, considerando que, na cidade de São Paulo, as taxas de apagamento de /R/ variam entre cerca de 3% em substantivos até cerca de 97% em verbos infinitivos, em situação de entrevista sociolinguística. A distribuição das variantes de /R/ de acordo com quatro estilos de fala (leitura de uma lista de palavras; leitura de uma notícia de jornal; leitura de um texto com características da língua oral, chamado "Depoimento"; e conversação no restante da gravação) aponta taxas gradualmente maiores de realização do /R/ quanto maior o grau de monitoramento por parte do falante. O apagamento de /R/ é favorecido na fala mais espontânea e, inversamente, desfavorecido nos estilos de leitura.

O fenômeno também foi investigado na leitura em voz alta (PINHEIRO *et al.*, 2017; MACHADO, 2018). Assim como na fala, os estudos verificaram que o apagamento

também acontece na leitura em voz alta de maneira predominante, e que a classe gramatical influencia a ocorrência do /R/ em coda final de palavra.

1.4 Apagamento do fonema /d/ na sequência /Ndo/

O apagamento do fonema /d/ na sequência /Ndo/ consiste na assimilação do fonema /d/ pelo fonema /N/, resultando em duas variantes: uma com a presença da consoante oclusiva /d/ e outra sem (*estudando* ~ *estudano*). O fenômeno, segundo estudos sociolinguísticos, apesar de ocorrer também em nomes, é favorecido linguisticamente por verbos no gerúndio (LUCENA; VASCONCELOS, 2007); e recebe influência do contexto estilístico e do nível de escolaridade (FREITAG; CARDOSO; PINHEIRO, 2018).

Ferreira, Tenari e Gonçalves (2012) investigaram o apagamento do /d/ no morfema de gerúndio em uma amostra de 76 informantes do interior do estado de São Paulo. A taxa de apagamento é de 72% e falantes homens e mais jovens favoreceram o apagamento da marca de gerúndio; e à proporção que aumenta o nível de escolaridade diminui o índice de apagamento do segmento /d/.

Na mesma direção, Nascimento, Araújo e Carvalho (2013), na fala de 24 informantes da cidade de Fortaleza, identificaram um percentual de 74,8% de apagamento da oclusiva no gerúndio, condicionado pelo nível de escolaridade – quanto menor o nível de escolaridade, maior o favorecimento do apagamento.

Na fala maceioense, Almeida e Oliveira (2017), em uma amostra de fala de 30 falantes, observaram um percentual de apagamento de 42%. O estudo constatou que o fenômeno é favorecido na fala de homens, em vocábulos extensos; e recebe influência do contexto seguinte, sendo favorecido quando sucedido de consoantes foneticamente próximas ao /d/ e de vogais.

Em Sergipe, Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018), em amostra de fala de 20 estudantes, de nível básico e superior da cidade de Aracaju, identificaram uma taxa de apagamento de 77% em gerúndio e 47% em nomes. Favorecem a manutenção do /d/ na sequência /Ndo/ a classe gramatical dos verbos; contexto precedente constituído de vogal posterior; item com alta frequência; e menor número de sílabas. A conservação do segmento é mais frequente em falantes mulheres, de ensino superior, em assuntos de maior formalidade e em trechos opinativos.

Considerando a leitura em voz alta, o resultado do apagamento é menor do que em estudos de fala, com 32% (CARDOSO; PINHEIRO; SILVA, 2019), o que está associado ao monitoramento do contexto de leitura, haja vista que o traço funciona como marcador estilístico de formalidade e escolaridade.

1.5 Apagamento do /S/ em coda final de palavra

O apagamento do /S/ em coda final de palavra, no português brasileiro, ocorre em nomes e verbos, estabelecendo relações morfossintáticas de concordância. Estudos sociolinguísticos têm apontado que a ocorrência dessa marca de concordância é sistematicamente condicionada por fatores estruturais e sociais. No caso das duas classes gramaticais, a predominância é do uso das variantes com a manutenção do /S/, sobretudo em contextos de maior formalidade.

Ribeiro e Hora (2004) estudaram o fenômeno do apagamento do /S/ em lexemas na fala de 32 falantes da cidade de João Pessoa. Os resultados apontaram que o apagamento do /S/ em final de palavra é mais recorrente em falantes com menor nível de escolarização. Estruturalmente, o apagamento do segmento é favorecido por conjunções e verbos; e por contexto fonológico seguinte formado por vogais e pelos fonemas /h/ e /ʒ/ (os autores esclarecem que a baixa ocorrência com os fonemas /h/ e /ʒ/ impedem afirmações categóricas).

No caso específico da concordância nominal, o /S/ é marcador de adequação de número, isto é, os constituintes do sintagma nominal devem, na tradição, concordar com o núcleo, como em *as casas*. Contudo, no português falado no Brasil, a noção de concordância nominal pode ser expressa aplicando-se o /S/ apenas ao elemento mais à esquerda do sintagma nominal, como em *as casa*. Scherre e Naro (2006) investigaram o fenômeno a fim de verificar a influência da escolaridade e da idade na manutenção ou não do elemento marcador de concordância. Os autores constataram um estigma social atrelado à ausência da marca de plural no sintagma nominal e um aumento no uso da variante padrão.

No caso dos verbos, a realização do /S/ implica em questões morfofonêmicas, como a supressão do segmento na desinência de primeira pessoa do plural *-mos*, sendo realizada como *-mu* (*teríamos ~ teríamu*). Segundo estudos, a supressão nesse contexto também é associada a estigma (ZILLES; MAYA; SILVA, 2000). Zilles, Maya e Silva

(2000) investigaram a variação na concordância verbal de primeira pessoa do plural na língua falada de 32 falantes de duas comunidades do Rio Grande do Sul, Panambi e Porto Alegre. Os autores consideraram três variantes, dentre as quais a desinência não-padrão *-mu*. Na distribuição geral da frequência, a variante com apagamento do /S/ apresentou um percentual de 34% em detrimento da variante padrão (53%) e da desinência zero, com um percentual de 13%. Em uma análise entre a forma padrão e desinência com apagamento do /S/, os autores encontraram, na condição de condicionantes linguísticos ao apagamento, os seguintes fatores: tempo verbal (ir + infinitivo, presente e o perfeito) e verbos de 3ª conjugação. Como condicionantes de natureza social, percebeu-se que falantes menos escolarizados; com idade inferior a 50 anos; e mulheres favorecem o apagamento do /S/ na desinência de primeira pessoa do plural.

Na leitura em voz alta, Machado (2018) aponta que a manutenção da marca de plural predomina.

1.6 Uso do futuro do pretérito

O tempo verbal futuro do pretérito, nas suas formas simples e composta, é definido da seguinte maneira por Cunha e Cintra (1985, p. 450-453):

1. O FUTURO DO PRETÉRITO SIMPLES emprega-se: 1º) para designar ações posteriores à época que se fala; 2º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados; como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo; 4º) em certas frases interrogativas e exclamativas, para denotar surpresa ou indignação; 5º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão; 2. O FUTURO DO PRETÉRITO COMPOSTO emprega-se: 1º) para indicar que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição; 2º) para exprimir a possibilidade de um fato passado; 3º) para indicar a incerteza sobre fatos passados, em certas frases interrogativas que dispensam a resposta do interlocutor.

As formas de uso do futuro do pretérito foram analisadas por Araújo e Freitag (2015) com o intuito de constatar como esse tempo verbal está relacionado com situações de fala mais ou menos monitoradas. As autoras concluíram que o “uso do futuro do pretérito com referência temporal passada emerge em contextos menos polidos [...]. Já o uso do futuro do pretérito com referência futura é mais recorrente em contexto em que se exige um grau maior de polidez” (ARAÚJO; FREITAG, 2015, p. 95).

Barbosa (2005) comparou o uso desse tempo verbal com o pretérito imperfeito entre os falantes de Uberlândia/MG, levando em conta, além de fatores condicionantes linguísticos, dados socioeconômicos e de faixa etária dos participantes da pesquisa. O estudo constatou que orações maiores e o não-paralelismo favorecem o emprego do futuro do pretérito. A autora também concluiu que informantes de classes socioeconômicas alta e média fazem mais uso do futuro do pretérito. O mesmo aconteceu com os falantes mais jovens (entre 20 e 30 anos), que usaram o futuro do pretérito em detrimento do pretérito imperfeito em 60,4% das ocorrências em que tiveram a escolha entre as variáveis. Os informantes com idade acima de 45 anos usaram menos o futuro do pretérito, em 34,3% dos contextos.

A mesma comparação entre o uso do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito foi investigada no trabalho de Brito (2018), em uma amostra composta por comentários da rede social *Facebook*. O *corpus* da pesquisa foi constituído de 346 ocorrências de formas com um dos tempos verbais citados escritas por 325 informantes diferentes. O estudo concluiu que, no contexto analisado, há a preferência pelas formas do futuro do pretérito, em especial pelos informantes mais velhos e por aqueles que têm acesso à educação no nível superior.

Oliveira, Silva e Paula (2013) analisaram a variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito falantes da cidade de Maceió/AL, apontando que 61% das ocorrências são de futuro do pretérito. A ordem não canônica da oração favorece o emprego do futuro do pretérito (79% das ocorrências) e a faixa etária entre 31 e 45 anos é a que mais faz uso desse tempo verbal (67% das ocorrências). O futuro do pretérito também é preferência dos informantes que têm acesso à educação no nível superior (66% das ocorrências).

1.7 Colocação pronominal proclítica

A colocação pronominal “consiste na relação de dependência que os pronomes átonos mantêm com outros termos da oração” (CORRÊA; VIEIRA, 2017, p. 88). Corrêa e Vieira (2017), em pesquisa com 13 informantes, investigaram a contribuição da percepção auditiva no entendimento desse fenômeno variável. A partir das análises, os autores concluíram que, na amostra investigada, o clítico se comporta como uma sílaba

pretônica vocabular. Confirmando a hipótese do trabalho, os falantes brasileiros sujeitos da pesquisa preferiram a próclise no que diz respeito à colocação dos pronomes átonos.

Moura (2013) recorreu à visão de professores do ensino básico do estado do Rio Grande do Norte durante a correção de exercícios de seus alunos e também a um teste de atitude para constituir sua amostra. O trabalho explorou a colocação pronominal nos seguintes contextos: pronome oblíquo átono em início de oração/período, próclise em estruturas do tipo sujeito-verbo e próclise ao verbo temático nas locuções verbais. Levando em conta o resultado das correções, o contexto que mais recebeu correções foi o da próclise em início de oração/período, com 50% dos professores encarando o uso como inadequado. No segundo contexto, 100% dos professores acharam correta a utilização da próclise após sujeito. No último contexto analisado, apenas 25% dos professores encarou as construções como incorretas. Quando submetidos a um teste de atitude, os professores reagiram de maneira semelhante nos contextos analisados, com algumas discrepâncias. A próclise no início de oração/período continuou sendo a mais condenada, agora com 85% de reprovação por parte dos professores. A próclise continuou sendo aceita após o sujeito, com até 80% de aprovação. No terceiro contexto analisado, a posição proclítica foi vista positivamente por até 75% dos professores.

Vieira (2014) relaciona a colocação pronominal com a concordância verbal em contextos de locução verbal e, em relação às variedades europeias e africanas, o português brasileiro tem como inovação a preferência pela próclise. A autora destacou que “os brasileiros utilizam, como opção geral, uma espécie de *default*, o clítico na posição entre as duas formas verbais em proclítica à segunda forma” (VIEIRA, 2014, p. 88).

A sistematização dos estudos aponta para tendências de uso de produção que servem como *input* para a aquisição da leitura.

2 Leitura, variação linguística e pistas de automaticidade na decodificação e proficiência leitora

Estudos sociolinguísticos têm se dedicado à relação entre variação linguística e leitura em voz alta no português (HORA; AQUINO, 2012; PINHEIRO *et al.*, 2017; MACHADO, 2018; CARDOSO; PINHEIRO; SILVA, 2019; SÁ, 2019; FREITAG; SÁ, 2019; FREITAG, a sair). Os resultados apontam que a transposição de traços variáveis na

fala para a leitura em voz alta sinaliza automaticidade na decodificação e proficiência leitora. A seguir, alguns destes estudos são reportados.

Hora e Aquino (2012) investigaram três processos variáveis – monotongação, ditongação e apagamento do fonema /d/ no segmento /Ndo/ – na fala e leitura em voz alta de 30 estudantes do 3º ao 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública do estado da Paraíba. Os resultados apontam que os processos fonológicos menos estigmatizados e já consolidados na fala espontânea, como a monotongação do ditongo /ow/, são mais recorrentes na leitura em voz alta de leitores hábeis, não interferindo na compreensão leitora. Os fenômenos mais estigmatizados, por seu turno, segundo os autores, são barrados pelo contexto mais monitorado da leitura em voz em alta.

Em Sergipe, Pinheiro *et al.* (2017) investigaram se os processos variáveis de palatalização de oclusivas alveolares em ambiente progressivo e regressivo e de apagamento de rótico em coda final de palavra passam da fala para leitura em voz alta em estudantes do 6º e 9º ano do ensino fundamental de um colégio da capital do estado. Os resultados sinalizam que a palatalização regressiva (11%) e o apagamento do rótico em coda final de palavra (70%) passam para a leitura oral, enquanto a palatalização progressiva, fenômeno estereotipado socialmente, é barrado, apresentando um percentual de ocorrência de 3%. Esses resultados evidenciam uma consciência sociolinguística (FREITAG, a sair) por parte dos estudantes e revelam que a transposição da fala para a leitura oral ocorre apenas quando os fenômenos não são marcados/salientes, sobretudo devido ao nível de monitoramento associado ao processo de leitura em voz alta no ambiente escolar.

Na mesma direção, Machado (2018) analisou a transposição dos fenômenos variáveis de monotongação dos ditongos /ow/ e /ey/, apagamento do /R/ em coda silábica e concordância nominal da fala para a leitura em voz alta, em uma amostra de 74 alunos do 6º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas de Sergipe. Como resultados, os processos de monotongação dos ditongos (79%) e do apagamento do /R/ em coda final de sílaba (60%) são fenômenos transpostos da fala para a leitura em voz alta, evidenciando que traços sociolinguísticos pouco marcados e de uso gradual na fala espontânea sugerem o acesso à rota lexical na leitura, pois as palavras são produzidas de acordo com o repertório sociolinguístico do leitor. Quanto à concordância nominal, os

dados de leitura em voz alta foram na mesma direção dos estudos de produção, ou seja, a manutenção da marca de plural manteve-se na leitura em voz alta (93%).

Cardoso, Pinheiro e Silva (2019) investigaram a variação na realização do segmento /d/ do contexto /ndo/ na leitura em voz alta de 20 estudantes de Aracaju/SE, com escolaridade média e superior. A frequência do apagamento do fonema /d/ no segmento /Ndo/ é menor na leitura do que nos resultados de estudos de produção sociolinguística, com um percentual de 32%. Esse resultado é associado ao maior nível de monitoramento do contexto de leitura, haja vista que o traço funciona como marcador estilístico de formalidade e escolaridade.

Sá (2019) estudou a ocorrência de fenômenos variáveis da fala no gradiente de monitoramento estilístico em alunos do 3º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de São Cristóvão, Sergipe. A análise considerou a ocorrência dos fenômenos variáveis do apagamento do /d/ na sequência /Ndo/, da monotongação, da ditongação e do apagamento do /R/ em coda silábica em três gradientes estilísticos: fala espontânea, atividades orais e leitura em voz alta. O fenômeno do apagamento do /d/ no segmento /Ndo/ foi mais recorrente em atividades orais (86,69%) e na fala espontânea (66,67%), sendo inibido na leitura em voz alta (3,70%). O processo de ditongação apresentou comportamento semelhante, sendo recorrente na atividade oral (97,17%), na fala espontânea (94,29%) e menos favorecido na leitura em voz alta (46%). A monotongação e o apagamento do /R/ em coda silábica, por sua vez, apresentaram comportamentos semelhantes independentemente do nível de monitoramento. A monotongação apresentou um percentual de 93,68% de ocorrência no contexto da atividade oral, seguido de fala espontânea (89,57%) e da leitura em voz alta (55,92%). O apagamento do /R/ foi o fenômeno com comportamento mais equilibrado entre os graus de monitoramento: fala espontânea (97,89%), atividade oral (96,3%) e leitura em voz alta (71,1%).

Freitag e Sá (2019) correlacionam a leitura em voz alta, variação linguística e sucesso na aprendizagem de leitura oral. O estudo aponta que leitores que transpõem traços linguísticos variáveis da fala para a leitura em voz alta foram os que obtiveram maior sucesso no teste de compreensão leitora; diante disso, os pesquisadores corroboram a hipótese de que a transposição de traços variáveis da fala para a leitura não indica erro, mas pistas de leitores hábeis e proficientes.

3 Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada na realização do presente estudo consistiu na realização de entrevistas sociolinguísticas e de coleta de leitura oral com estudantes da Universidade Federal de Sergipe (UFS), seguindo o protocolo de coleta do Banco de Dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2017). Os informantes foram selecionados aleatoriamente e por voluntariedade. O *corpus* da investigação é constituído de 10 entrevistas sociolinguísticas e de 50 gravações de leituras em voz alta realizadas com/por estudantes da UFS.

As entrevistas sociolinguísticas, dirigidas por um roteiro que contemplou tópicos como segurança, saúde, educação, foram realizadas na cabine acústica dos Condomínios de Laboratórios Multiusuários de Informática e Documentação (LAMID) da Universidade Federal de Sergipe, documentadas por um gravador de mesa e por microfones de lapela; e tiveram duração média de 1h cada.

Ao final do procedimento das entrevistas, os informantes foram instados a realizar a leitura em voz alta do texto *Vida de cinema*, de Erico Veríssimo (2019), selecionado com vistas ao favorecimento da produção dos fenômenos linguísticos investigados. Abaixo (Figura 1), apresenta-se o texto lido em voz alta pelos informantes; em destaque, os itens lexicais considerados na análise relacionados ao fenômeno fonológico a que correspondem. Para fins de análise, foram desconsiderados os itens com funções gramaticais, como preposições, conjunções, artigos.

Figura 1 – Texto lido pelos informantes e os itens lexicais considerados na análise

VIDA DE CINEMA

Os filmes que **viamos** antigamente não nos **prepararam** para a vida. Em **alguns casos**, **continuam** nos **iludindo**. Por exemplo: briga de **socos**. Entre as **convencções** do cinema que **persistem** até hoje está a de que **socos** na cara **produzem** um som que na vida real nunca se **ouve**. O choque de punho contra rosto fazia estrago nos **rostos** — ou não fazia, era comum **lutas** em que os **brigões** quase se **matavam** a **murros** **terminarem** sem nenhuma marca nos **rostos** — mas **poupava** os **punhos**. E como sabe quem, mal informado pelo cinema, **entrou** numa briga a **socos**, o punho **quando** acerta o alvo sofre tanto quanto o alvo.

No cinema de antigamente você já sabia: **quando** alguém tossia, era porque iria **morrer** em **pouco** tempo. Tosse nunca significava **apenas** algo preso na garganta ou uma gripe **passageira** — era morte certa. **Quando** um casal se **beijava apaixonadamente** e em seguida desaparecia da tela era sinal que **inhava** se **deitado**. E **depois**, não falhava: a **mulher** aparecia grávida.

Nunca se ficava **sabendo** o que acontecia, exatamente, **depois** que o casal desaparecia da tela, a não **ser** que o filme fosse **francês**. Pode-se mesmo **fizer** que o começo da mudança do cinema americano **começou** na **primeira** vez em que a câmera **acompanhou** a descida do casal e **mostrou** o que eles **faziam deitados**. **Depois** desse momento revolucionário não demoraria até **aparecerem** o **beijo** de língua e o **seio** de fora. E **chegamos** ao cinema americano de hoje, em que, de cada **duas palavras ditas**, uma é sexo.

Se a vida fosse como o cinema nos dizia, nunca faltaria bala nas nossas **pistolas** ou gelo no balde para o nosso tisque **quando chegássemos** em casa. E sempre que **tivéssemos** de **sair** às **pressas** de um restaurante, **atiraríamos dinheiro** em cima da mesa sem **precisar** contá-lo e sem **esperar** que o garçom trouxesse a nota. Seria uma vida **mais simples**, a **cores** ou em preto e branco, interrompida a **intervalos** por **números musicais** em que **cantariamos acompanhados** por **violinos invisíveis**, e **quando dançássemos** com nossas **namoradas**, seria como se **tivéssemos ensaiado** durante **semanas**, e não **errariamos** um passo, e **seríamos felizes** até o fim.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Vida de cinema**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/vida-de-cinema-13437047>. Acesso: 11 jul. 2019.

Legenda

- /S/ final de palavra
- /ndo/
- /R/ final de palavra
- Desnasalização de ditongo átono final
- Monotongação

Os fenômenos morfossintáticos analisados na leitura em voz alta, no texto lido pelos participantes, tiveram cinco ocorrências da primeira pessoa do plural no futuro do pretérito (*víamos*, *atiraríamos*, *cantariamos*, *entrariamos* e *seríamos*), cinco da terceira pessoa do singular no futuro do pretérito (*iria*, *demoraria*, *faltaria*, *seria* e *seria*) e três relacionadas à colocação pronominal – todas na posição proclítica (*nos prepararam*, *nos iludindo* e *nos dizia*) e o controle feito na leitura em voz alta foi quanto à presença ou não de correção, repetição, truncamento ou pausa antes ou depois das expressões morfossintáticas alvo (cf. MACHADO; FREITAG, 2019).

A ocorrência de repetição foi considerada nos casos em que o participante reproduziu mais de uma vez os casos analisados na sua totalidade. Semelhante a esse é o conceito de correção, também levado em consideração. Esse último envolve a repetição

das palavras em análise, mas essa repetição é precedida da realização da palavra com algum dos erros comentados por Aquino (2011) e Ávila (2009), incluindo a omissão, adição ou troca de um componente morfofonêmico de uma palavra.

O conceito de truncamento atende ao fator condicionante de a realização ter pelo menos um dos “erros complexos” comentados em Ávila (2009, p. 322), que envolvem a omissão, adição ou troca de um componente morfofonêmico de uma palavra, seguida pela interrupção na pronúncia antes do final do vocábulo.

Pausa é definida por Santos (2016, p. 80) como “uma inadequação na leitura da palavra pelo aluno, quando este a usa de forma não esperada para o contexto da leitura, resultando no comprometimento da fluência da leitura”. Neste trabalho se estendeu a aplicação do termo para a sentença. Sendo assim, a pausa considerada se refere sempre à inadequação ou pausa, correspondente a um período de silêncio entre 50 e 250 milissegundos (ms), não esperada na leitura de uma sentença, acontecendo antes ou depois do caso analisado.

As entrevistas e as leituras orais foram transcritas com auxílio do software ELAN (2018). Posteriormente, os dados foram codificados, sendo estratificados quanto à realização de uma das variantes e em relação à ocorrência de correções, repetições, truncamentos e pausas na leitura. Cabe destacar que se considerou, no caso dos fenômenos do apagamento do /R/ em coda final de palavra e do apagamento de /S/ final de palavra, apenas as cinquenta primeiras e as cinquenta últimas ocorrências na fala de cada informante. A visualização gráfica dos resultados foi desenvolvida com o pacote `ggstatsplot` (PATIL; POWELL, 2018) para a plataforma R (R CORE TEAM, 2019).

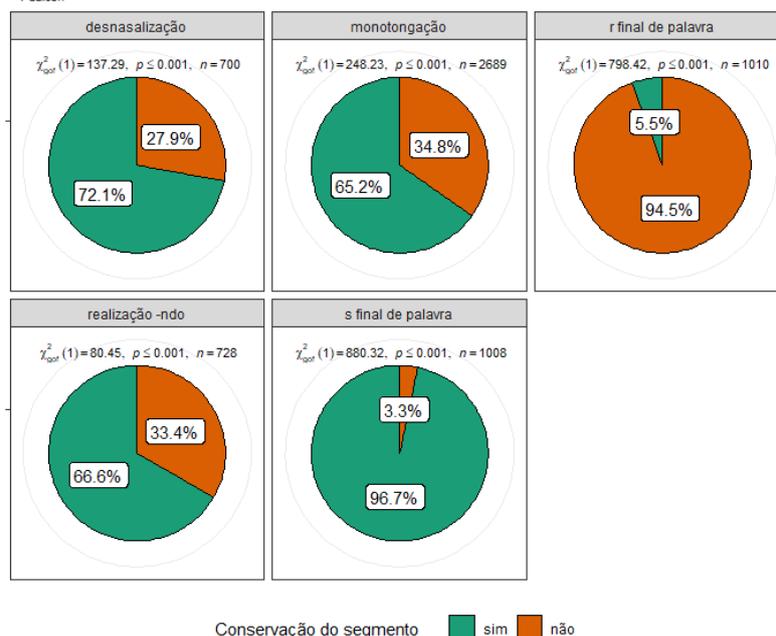
4 Resultados e discussões

Inicialmente são comparados os processos fonológicos na fala e na leitura em voz alta, quanto aos seus condicionadores linguísticos. Em seguida, são apresentados os resultados relativos às correções, repetições, truncamentos e pausas dos fenômenos morfossintáticos na leitura em voz alta.

Gráfico 1 – Frequência dos fenômenos fonológicos variáveis analisados na fala dos universitários da UFS

Variação na fala de universitários

$\chi^2_{\text{Pearson}}(4) = 1921.17, p < 0.001, \hat{V}_{\text{Cramer}} = 0.56, \text{CI}_{95\%} [0.54, 0.57], n_{\text{obs}} = 6135$



In favor of null: $\log_e(\text{BF}_{01}) = -\text{Inf}$, sampling = independent multinomial, $\alpha = 1.00$

A frequência das variantes dos fenômenos variáveis analisados na fala dos estudantes da Universidade Federal de Sergipe segue o padrão encontrado em outros estudos de fala espontânea (Gráfico 1). Quanto ao processo de desnasalização de ditongo nasal átono final, o segmento nasal foi favorecido em um percentual de 72,1% das ocorrências, padrão esperado, em detrimento da variante desnasalizada, que apresentou um percentual de 27,9%. Silva (2018), ao investigar o referido fenômeno na fala de informantes do estado do Rio de Janeiro, encontrou uma distribuição semelhante, 17% de ocorrências desnasalizadas, sendo que essa variante foi mais recorrente na fala dos informantes menos escolarizados – o que explica a predominância da forma nasalizada nos resultados da presente amostra.

A realização da sequência /Ndo/ mostrou-se favorável à manutenção do fonema /d/ (66,6%), enquanto o apagamento da oclusiva apresentou uma frequência de 33,4%. Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018) investigaram o fenômeno em uma amostra constituída de falantes de ensino médio e universitário da cidade de Aracaju e constataram que, no que diz respeito à produção sociolinguística, a manutenção do /d/ na sequência /Ndo/ está associada a contextos mais formais e a estudantes de escolarização nível superior.

O processo da monotongação também foi desfavorecido na fala dos informantes que compõem a amostra. A realização do ditongo ocorreu em um percentual de 65,2%

das ocorrências, a variante monotongada, por sua vez, apresentou um percentual de 34,8%. Isso pode ser explicado pela consideração no presente estudo dos três tipos de ditongos que apresentam comportamentos sociolinguísticos distintos, constituindo-se uma limitação do presente trabalho, que deve ser considerada em estudos posteriores.

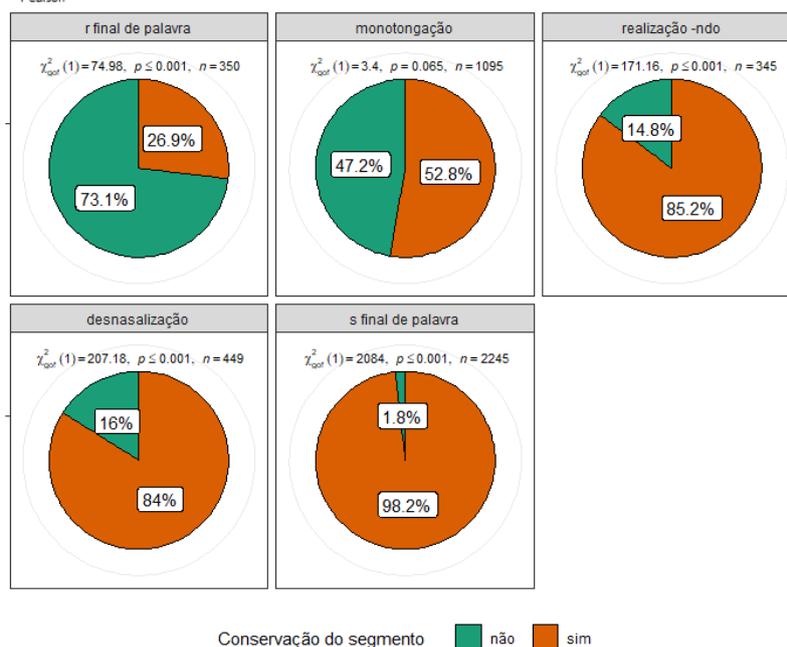
Em relação ao /R/ em posição final de palavra verbal e não verbal, o apagamento do segmento foi categórico, com um percentual de 94,5%; a manutenção, por seu turno, se deu em apenas 5,5% das ocorrências. Os resultados são semelhantes aos encontrados por Callou, Serra e Cunha (2015) na fala de jovens e idosos de nove capitais da região nordeste do Brasil. As estudiosas constataram um percentual de 94% de apagamento em verbos, ratificando nossos dados; e 72% em não verbos. Esses resultados, segundo as autoras, atestam o estatuto de mudança em curso da variante inovadora no português brasileiro.

No que diz respeito ao /S/ em coda final de palavra, contrariamente ao comportamento do /R/, a manutenção do segmento foi categórica, com um percentual de 96,7% das ocorrências; o apagamento, por seu turno, se deu em apenas 3,3%. Essa manutenção vai na direção do que Scherre e Naro (2006, p. 108) defendem: “a variante explícita de plural é a variante de prestígio. A variante zero de plural, quando percebida, é julgada pela tradição e pelos falantes como índice de não saber falar português”; e pressupõe-se que universitários ao participar de uma entrevista desejem “saber falar português”.

Gráfico 2 – Variação linguística na leitura em voz alta dos universitários da amostra

Variação na leitura em voz alta

$\chi^2_{\text{Pearson}}(4) = 1544.95, p < 0.001, \hat{V}_{\text{Cramer}} = 0.59, \text{CI}_{95\%} [0.56, 0.61], n_{\text{obs}} = 4484$



In favor of null: $\log_e(\text{BF}_{01}) = -\text{Inf}$, sampling = independent multinomial, $\alpha = 1.00$

Na leitura em voz alta (Gráfico 2), os resultados relativos ao apagamento do /R/ em final de palavra, em comparação com os dados relativos à produção sociolinguística, mostram que houve transposição do traço da fala para a leitura em voz alta dos universitários da amostra, confirmando a hipótese de que o leitor acessa a rota lexical e realiza o traço conforme seu repertório sociolinguístico. Na fala, o apagamento apresentou-se de modo categórico, com um percentual de 94,5%; na leitura em voz alta, apesar de redução no percentual, o apagamento também foi predominante em 73,1% das ocorrências; a manutenção do segmento, por sua vez, deu-se em 26,9% dos casos. Essa redução de percentual do apagamento pode evidenciar uma sensibilidade estilística do fenômeno em contextos mais monitorados, como a leitura em voz alta. Outros estudos que também investigaram o traço na leitura em voz alta detectaram índices semelhantes. Machado (2018) encontrou na leitura em voz alta de estudantes do ensino fundamental do estado de Sergipe um percentual de 60% de apagamento de /R/ na leitura em voz alta; e Pinheiro *et al.* (2017) constatou um percentual de 70% de apagamento na fala de estudantes aracajuanos.

Em relação ao processo de monotongação, os dados vão de encontro aos observados na fala: a monotongação ocorreu em 47,2% das ocorrências possíveis na

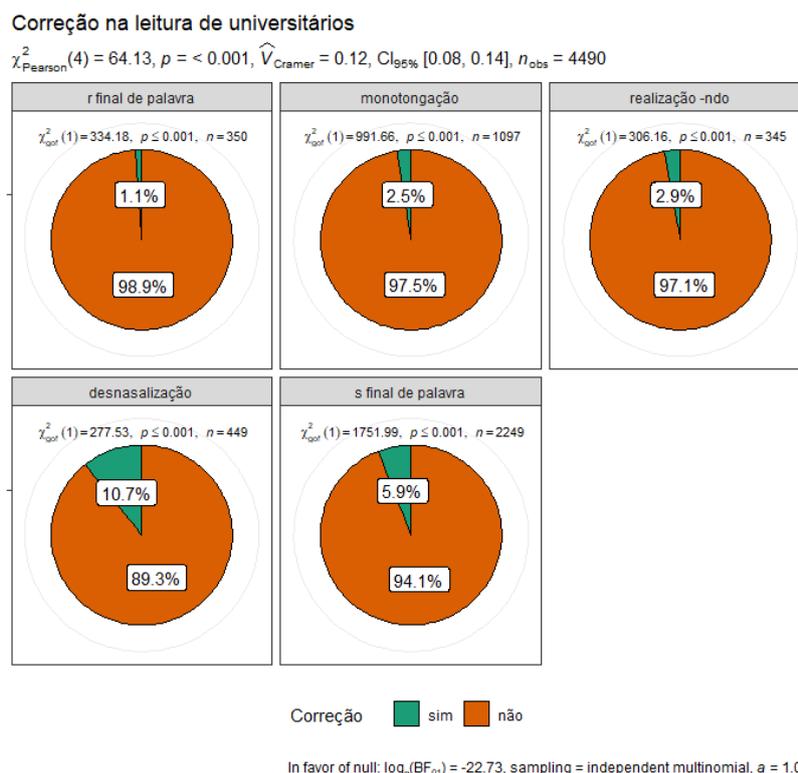
leitura em voz alta dos informantes, em contrapartida, o ditongo se manteve em 52,8% dos casos. Na fala, o ditongo foi mais favorecido, com um percentual de 65,2%. Este contraste pode ser efeito do monitoramento linguístico na situação de leitura (GOMES, 2017), mas, especificamente neste estudo, pode ser efeito do número diferente de palavras com cada tipo de ditongo e com o contexto de apagamento de cada um deles, que possuem condicionantes sociolinguísticos distintos, devendo, em estudos posteriores, serem analisados separadamente.

O /d/ da sequência /Ndo/ manteve-se em 85,2% das ocorrências na leitura em voz alta, enquanto a variante apagada obteve apenas 14,8% das ocorrências. Na fala, a frequência da manutenção do segmento foi menor, mas ainda assim predominante, com um percentual de 66,6%. Os resultados vão ao encontro do que Pinheiro, Cardoso e Silva (2019) afirmaram acerca do traço na leitura oral de estudantes do ensino médio e superior de Sergipe: o traço é transposto para a leitura em voz alta, mas com relativo barramento do contexto estilístico mais monitorado da leitura em voz alta.

No caso da desnasalização de ditongo nasal átono final, a variante nasal, padrão esperado, ocorreu em 84% das ocorrências, enquanto a forma desnasalizada obteve um percentual de 16%. Na fala, o percentual da variante padrão foi de 72,1%. Ou seja, o fenômeno manteve-se estável independentemente do nível de monitoramento estilístico. Frente a isso, pode-se afirmar que a variante nasal na comunidade universitária estudada é privilegiada tanto na fala quanto na leitura; o que reforça a classificação da variante desnasalizada como marcador.

Em relação à realização do /S/ em final de palavra na leitura em voz alta, mantiveram-se os índices de manutenção do segmento constatados na fala (96,7%), apresentando na leitura um percentual de 98,2% das ocorrências, um uso categórico. Em apenas 1,8% das ocorrências os leitores apagaram o segmento. Esse resultado pode ser explicado devido à alta saliência da variável e ao nível de monitoramento estilístico da leitura em voz alta.

Também foi analisado, na leitura em voz alta, o índice de correção dos itens controlados. Os resultados encontram-se distribuídos no Gráfico 3, a seguir, por fenômeno fonológico analisado.

Gráfico 3 – Correção na leitura em voz alta dos universitários da amostra

O percentual de correção na leitura dos itens com os fenômenos fonológicos variáveis analisados foi baixo em todos os casos (Gráfico 3). A desnasalização de ditongo nasal átono final foi o fenômeno mais revisto – 10,7% das 350 ocorrências foram corrigidas – demonstrando uma maior preocupação por parte dos informantes em relação à perda do traço de nasalidade dos ditongos átonos finais na leitura em voz alta. Esse dado se relaciona ao fato deste fenômeno ser marcado socialmente e ser sensível a contextos estilísticos mais monitorados (BATTISTI, 2000), como a leitura em voz alta em ambiente acadêmico.

O /S/ em coda final de palavra foi o segundo traço mais corrigido, com o percentual de 5,9% de correção entre as 2249 ocorrências, atestando uma maior atenção à realização de fenômenos mais marcados. Scherre e Naro (2006) e Machado (2018) apontam que falantes com mais anos de escolarização se atentam mais à correção, pois preocupam-se com o uso das normas em situações de formalidade estilística.

A realização do fonema /d/ na sequência /Ndo/ e o processo da monotongação obtiveram um total de 2,9% e 2,5% das ocorrências corrigidas, respectivamente. A realização da sequência /Ndo/, na condição de marcador sociolinguístico sensível ao

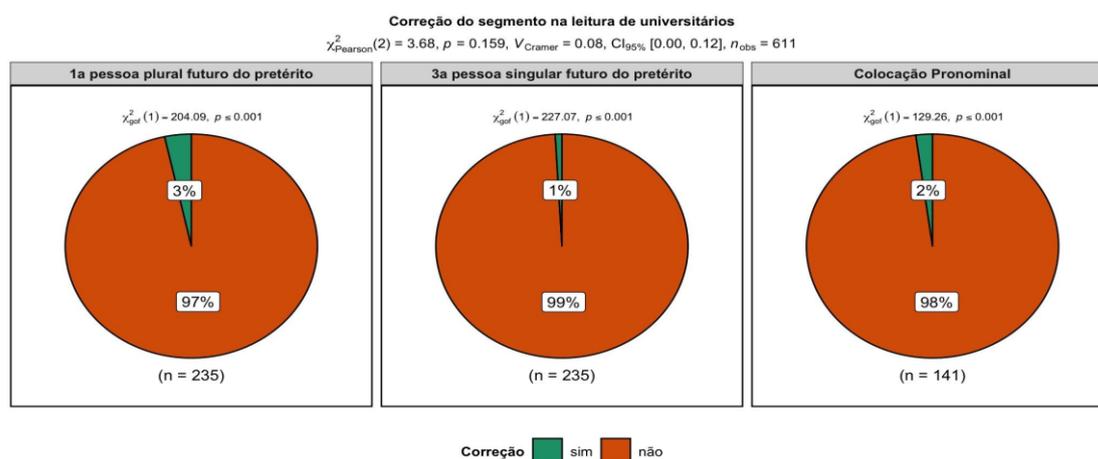
contexto de formalidade da leitura em voz alta, parece sinalizar que a forma adotada nesse contexto mais monitorado já está consolidada, não necessitando de revisão. A baixa correção dos ditongos na leitura em voz alta, por sua vez, pode ser explicada pelo traço ser pouco sensível à apreciação social, sendo considerado um indicador.

Apenas 1,1% das 350 ocorrências de /R/ em coda final de palavra foram corrigidas, ou seja, os leitores universitários não perceberam o apagamento do /R/ como um traço a ser corrigido. Esse resultado corrobora a avaliação social positiva da variante, que é categorizada como indicador num quadro de mudança em progresso (MONARETTO, 2002).

No que tange aos fenômenos morfossintáticos considerados, no texto lido pelos participantes, foram identificadas cinco vezes a ocorrência de verbos na primeira pessoa do plural no futuro do pretérito (*víamos, atiraríamos, cantaríamos, entraríamos e seríamos*), cinco na terceira pessoa do singular no futuro do pretérito (*iria, demoraria, faltaria, seria e seria*) e três relacionadas à colocação pronominal – todas na posição proclítica (*nos prepararam, nos iludindo e nos dizia*).

A performance dos participantes em relação aos processos morfossintáticos sob análise levou-se em conta a presença ou não de correção, repetição, truncamento ou pausa antes ou depois do alvo.

Gráfico 4 – Ocorrência de correção na leitura

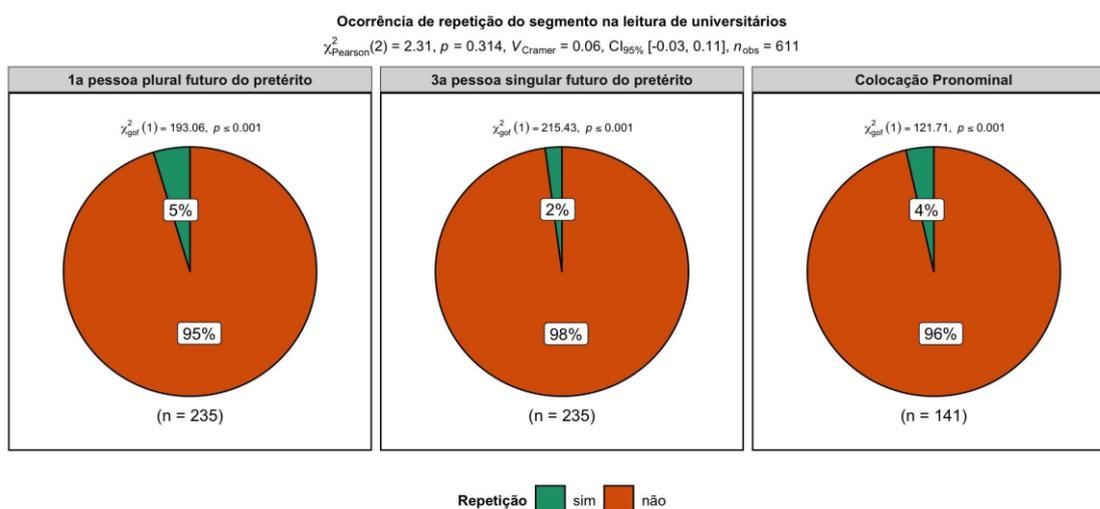


O gráfico 4 ilustra a taxa de correção presente durante os segmentos considerados. Muito embora esse índice seja baixo, o percentual de correção nas formas do futuro do pretérito, levando em conta as ocorrências na terceira pessoa do singular e da primeira

pessoa do plural, é estatisticamente significativo ($p < 0,001$). Araujo e Freitag (2014, p. 95) evidenciam que a realização desse tempo verbal é “mais recorrente em contexto em que se exige um grau maior de polidez”. A tensão causada pela realização do verbo nessa configuração em um ambiente monitorado, como a leitura em voz alta, pode ser o motivo causador da taxa de correção em 4% das ocorrências.

A existência de correção durante a leitura de clíticos teve metade da ocorrência do traço anterior (2% *versus* 4%, somando o aparecimento na terceira pessoa do singular e na primeira pessoa do plural). E, apesar de ser baixa a diferença, ela é estatisticamente significativa ($p < 0,001$). Um condicionante para a ausência de correção nos itens com colocação pronominal é o fato de que, em todas as ocorrências, o pronome esteve na posição proclítica, assumida como a mais natural no português brasileiro, como atestam os estudos de Corrêa e Vieira (2017), Moura (2013) e Vieira (2014).

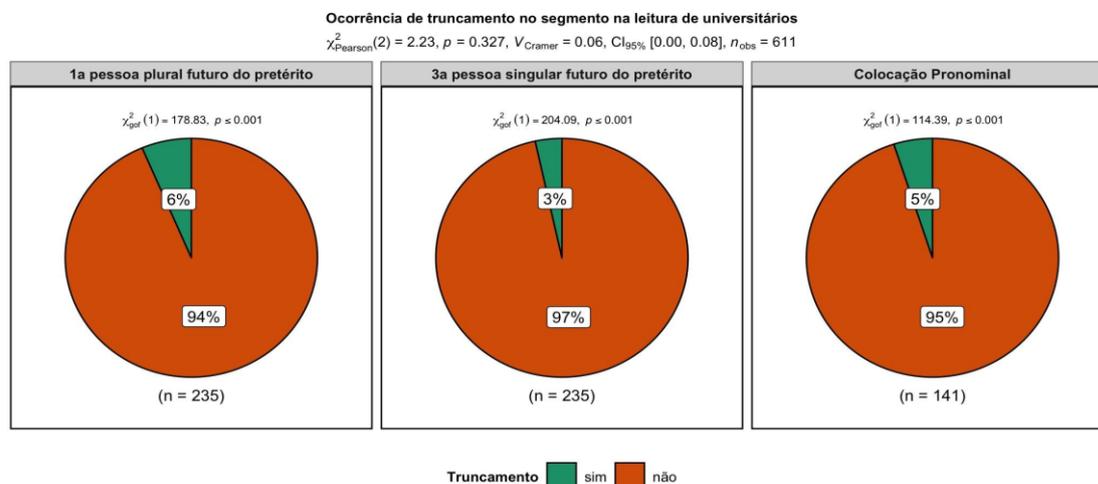
Gráfico 5 – Ocorrência de repetição na leitura



A repetição durante a realização dos processos morfossintáticos analisados apresenta um resultado semelhante ao fator de correção (Gráfico 5). Há baixa ocorrência de repetições na leitura, no entanto, há maior recorrência de repetição nas formas do futuro do pretérito (que somaram 7%). Mais uma vez, as repetições durante a leitura de colocação pronominal aparecem em menor número (4%), se comparadas ao outro fenômeno linguístico. Os fatores condicionantes dessa repetição podem estar relacionados aos já citados quando foi considerado o índice de correção. É possível notar, porém, no geral, uma ocorrência maior de repetição na leitura do que correção, e esta

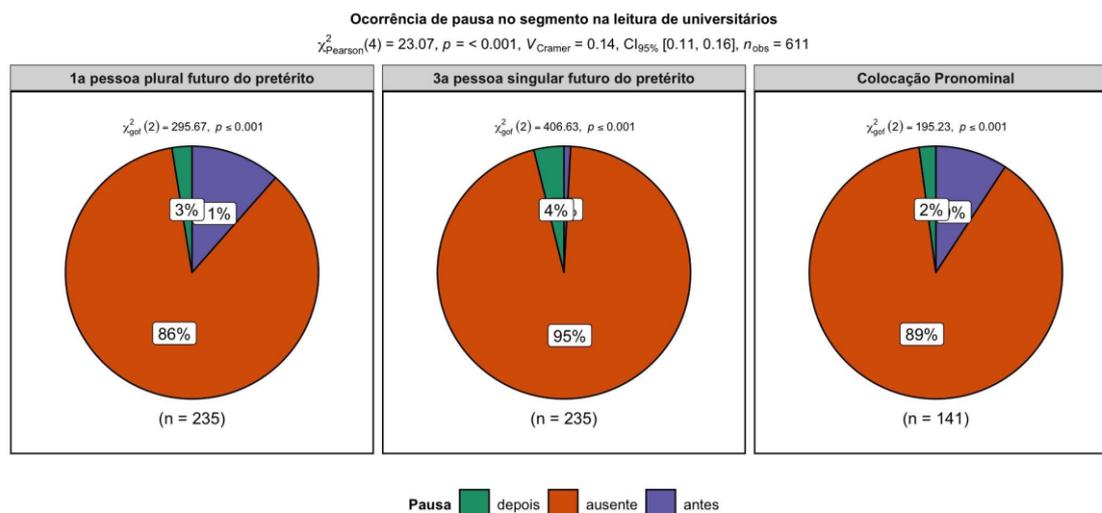
diferença é estatisticamente significativa em todos os contextos morfossintáticos analisados.

Gráfico 6 – Ocorrência de truncamento na leitura



As ocorrências de truncamento durante a leitura (Gráfico 6) apresentam uma distribuição muito semelhante à dos índices de performance de leitura anteriores, com a predominância de truncamento nas formas do futuro do pretérito, que dessa vez quase alcançaram um décimo das realizações consideradas desse tempo verbal (9%). A colocação pronominal teve um índice de truncamento menor em relação ao outro fenômeno. No entanto, a realização dessas formas com truncamento foi maior do que as realizações desse mesmo fenômeno com correção ou repetição, sendo também estatisticamente significativas em todos os contextos morfossintáticos ($p < 0,001$).

Gráfico 7 – Ocorrência de pausas na leitura



A ocorrência de pausa antes ou depois da realização da palavra-alvo (Gráfico 7) aponta, mais uma vez, para uma maior incidência de erros de leitura nas formas do futuro do pretérito em comparação às expressões envolvendo colocação pronominal. Assim como nos três desvios anteriores, a primeira pessoa do plural do futuro do pretérito apresentou mais erros de produção de leitura do que a forma na terceira pessoa do singular, e a diferença foi estatisticamente significativa ($p < 0,001$). Este resultado sugere que uma forma demanda mais esforço de processamento do que a outra, especialmente porque a primeira pessoa do plural canônica com concordância é uma forma socialmente marcada e associada à formalidade (FREITAG, 2016). Também se destaca a predominância de pausas antecedendo a palavra-alvo nas ocorrências da primeira pessoa do plural do futuro do pretérito (11%) e de colocação pronominal (9%). O único caso em que as pausas após a produção do fenômeno morfossintático-alvo predominaram foi o da terceira pessoa do singular do futuro do pretérito.

Conclusões

A transposição de traços linguísticos variáveis da fala para a leitura em voz alta é apontada como indicadora de automaticidade na decodificação e proficiência leitora. Defende-se que o leitor acessa a rota lexical e produz o item escrito conforme seu repertório sociolinguístico. Os resultados do presente estudo revelam que traços linguísticos graduais, presentes na fala de praticamente todos os falantes, como o

apagamento do rótico em coda silábica final de palavra, são transpostos em maior grau para a leitura em voz alta de universitários, o que pode sinalizar proficiência em leitura. Por outro lado, fenômenos mais marcados, ao ocorrerem na leitura, sinalizam falta de proficiência leitora ou pouco contato com a modalidade formal da língua. Como perspectiva, aponta-se a necessidade de cruzar dados de leitura oral com resultados de testes de compreensão leitora com estudantes universitários a fim de verificar a hipótese sustentada.

Referências

ALMEIDA, A. N. S.; OLIVEIRA, A. J. Você fala cantano? Uma análise do apagamento de /d/ em gerúndios no falar de Maceió/AL. *Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*. Vol. 10, N. 1, p. 200-209, 2017.

AQUINO, M. F. S. *Uma proposta de tipologia de “erros” de leitura: análise sociolinguística e cognitiva*. 2011. 156 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ARAÚJO, A. S.; FREITAG, R. M. K. A forma de futuro do pretérito no português do Brasil e a função de polidez. *Forma y función*, Vol. 28, N. 1, p. 79-97, 2015.

ARAÚJO, A. S.; BORGES, D. K. V. Atitudes linguísticas de estudantes universitários: o fenômeno da monotongação em foco. *Tabuleiro de Letras*. Vol. 12, p. 97-113, 2019.

ÁVILA, C. R. B. *et al.* Tipologia de erros de leitura de escolares brasileiros considerados bons leitores. *Pró-Fono R. Atual. Cient.* Vol. 21, N. 4, p. 320-325, dec. 2009.

BARBOSA, T. A. M. *A variação entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por “SE” na fala uberlandense*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

BATTISTI, E. A redução variável dos ditongos nasais átonos no português do sul do Brasil. *Letras de hoje*. Vol. 35, N. 1, 2000.

BRITO, N. J. A. *Alternância entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo no domínio funcional da condição contrafactual em comentários no facebook*. 2018. 132f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

CALLOU, D.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino. *Revista da ABRALIN*. Vol. 14, N. 1, 2015.

CARDOSO, P. B.; PINHEIRO, B. F. M.; SILVA, L. S. Variação do segmento /d/ no contexto /ndo/: efeitos prosódicos e de leitura. *Leitura*. N. 63, p. 174-191, 2019.

COLTHEART, M. Modelando a leitura: a abordagem da dupla rota. In: SNOWLING, M. J.; HULME, C. (Org.). *A ciência da leitura*. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 24-41.

CORRÊA, C. M. M. L.; VIEIRA, S. R. Colocação pronominal no Português do Brasil: a contribuição de estudos de percepção auditiva. *Letras de Hoje*. Vol. 52, N. 1, p. 87-96, 2017.

CRISTOFOLINI, C. Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. *Revista da Abralín*. Vol. 10, N. 1, 2011.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ELAN. Versão 5.4. *Nijmegen*: Max Planck Institute for Psycholinguistics, 2018.

FERREIRA, J. S.; TENANI, L. E.; GONÇALVES, S. C. L. O. Morfema do Gerúndio “ndo” no Português Brasileiro: análise fonológica e sociolinguística. *Letras & Letras*. Vol. 28, N. 1, p. 167-188, 2012.

FREITAG, R. M. K.; CARDOSO, P. B.; PINHEIRO, B. F. M. Saliência na conservação de /d/ no segmento /ndo/: efeitos sociais e estilísticos. *Gragoatá*. Vol. 23, N. 46, p. 654-678, mai.-ago. 2018.

FREITAG, R. M. K. *Documentação Sociolinguística, coleta de dados e ética em pesquisa*. São Cristóvão: EdUFS, 2017.

FREITAG, R. M. K. *Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística*. (a sair)

FREITAG, R. M. K. *O desenvolvimento da consciência sociolinguística e o sucesso no desempenho em leitura*. (a sair)

FREITAG, R. M. K.; SÁ, J. J. S. Reading aloud: linguistic variation and the success in reading early learning. *Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies*. Vol. 72, N. 3, p. 41-62, 2019.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *DELTA*. Vol. 32, N. 4, p. 889-917, 2016.

GOMES, C. A.; MESQUITA, C.; FAGUNDES, T. D. S. Revisitando a variação entre ditongos nasais finais átonos e vogais orais na comunidade de fala do rio de janeiro. *Revista Diacrítica*. Vol. 27, N. 1, p. 153-173, 2013.

GOMES, C. A. Para além das ondas: um ponto de partida sobre o significado social da variação entre ditongo nasal átono final e vogal oral no português brasileiro. *Diacrítica*. Vol. 31, 2017.

HORA, D.; AQUINO, M. de F. de S. Da fala para a leitura: análise variacionista. *ALFA: Revista de Linguística*. Vol. 56, N. 3, 2012.

LUCENA, R. M. de; VASCONCELOS, D. C. de. Apagamento da oclusiva dental no dialeto do brejo paraibano: uma regra variável. *A Cor das Letras*. N. 8, 2007.

MACHADO, A. P. G. Variação linguística e leitura: fenômenos variáveis da fala na leitura em voz alta. *A Cor das Letras*. Vol. 19, N. 4, p. 196-218, 2018.

MACHADO, A. P. G.; FREITAG, R. M. K. Pistas dos processos de decodificação que levam à compreensão da leitura. *Letras de hoje*. Vol. 54, N. 2, p. 132-145, 2019.

MOLLICA, M. C. de M.; FERNANDEZ, C. de M. Um caso de estabilidade fonológica comprovado em tempo aparente e em tempo real. *Revista de Letras*. Vol. 1, N. 25, 2003.

MONARETTO, V. N. de O. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 253-268.

MOURA, E. S. V. *Se inicia oração com pronome clítico? Atitudes linguísticas, na escola, em relação aos padrões brasileiros de colocação pronominal*. 2013. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

NASCIMENTO, K. R. S. do; ARAÚJO, A. A. de; CARVALHO, W. J. de A. A redução do gerúndio no falar popular de Fortaleza: um olhar variacionista. *Veredas atemática*. Vol. 17, N. 2, 2013.

OLIVEIRA, F. A. L.; SILVA, P. R.; PAULA, A. S. A alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em construções hipotéticas na fala de maceioenses. *Letrônica*. Vol. 6, N. 1, p. 248-268, jan.-jun. 2013.

OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação. *Revista Veredas*. Vol. 18, N. 2, p. 251-266, 2014.

PATIL, I.; POWELL, C. GGSTATSPLOT: “ggplot2”, Based Plots with Statistical Details, 2018.

PINHEIRO, B. F. M.; SILVA, L. S.; ARAUJO, L. C.; QUIRINO, R. R.; SOUZA, V. R. A.; FREITAG, R. M. K. Processos fonológicos que passam da fala para a leitura. *In: AZEVEDO, I.; ROIPHE, A. (Ed.). Leitura, escrita e literatura: interseções e convergências.* São Cristóvão, EdUFS, 2017, p. 10-25.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2019.

RIBEIRO, S. R.; HORA, D. da. O apagamento da sibilante /s/ em posição de coda final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense. *In: ANAIS DA XX JORNADA – GELNE, João Pessoa. Anais [...].* João Pessoa, 2004.

SÁ, J. J. de S. *Da fala para a leitura em voz alta: variação linguística, tipos de leitura e desempenho na aprendizagem inicial da leitura de alunos do 3º ano do ensino fundamental.* 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, 2019.

SANTOS, M. S. *Erros de decodificação no reconhecimento da palavra escrita na leitura em voz alta de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental.* 2016. 111 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Faculdade de Letras, Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *SCRIPTA.* Vol. 9, N. 18, p. 107-129, 2006.

SILVA, C. C. C. da. Um estudo sobre a redução dos ditongos nasais na fala fluminense. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários.* Vol. 20, p. 409-427, 2018.

SIMIONI, T.; RODRIGUES, É. L. Monotongação de ditongos orais decrescentes na escrita de crianças de séries iniciais. *Letrônica*. Vol. 7, N. 2, p. 695-712, 2014.

TOLEDO, E. E. Estudo em tempo real da monotongação do ditongo decrescente/ej/em amostra de Porto Alegre. *Letrônica*. Vol. 6, N. 1, p. 94-107, 2013.

VIEIRA, S. R. Entre o variável e o categórico: a concordância verbal e a colocação pronominal em variedades do português. In: REZENDE, L. *et al.* (Org.). *A interdisciplinaridade e a especificidade linguística: teorias e práticas*. Araraquara; FCL-UNESP Laboratório Editorial; Séries Trilhas Linguísticas, n. 26, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

ZILLES, A. M. S.; MAYA, L. Z.; SILVA, K. Q. da. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*. Vol. 14, N. 28/29, p. 195-219, 2000.